

Guerra, poder, massacre

o significado dos *media* na representação da Europa cristã e islâmica e da América¹

Observamos como
a nossa actual imagem
depende das correntes
informativas do início
da Época Moderna.
Determinadas visões
duma “mainstream”
não surgiram, todavia,
duma perspectiva
observadora neutral,
mas tiveram, muito mais,
desde o início,
como objectivo,
o uso ou mesmo
a exploração
dos *media*.

Ludolf Pelizaeus

Johannes – Gutenberg
Universität, Mainz

Contextualização

Coloca-se, muitas vezes, a pergunta acerca da relação entre massacre, guerra e *media*. Em especial, hoje em dia, numa época, na qual, a televisão está, com frequência acesa, é muito actual a pergunta relativa à importância das imagens, aos limites da representação, mas também à sua veracidade em épocas de guerra, massacre e grande autoridade.²

Esta discussão não é apenas conduzida nos *media* europeus, como também fora da Europa, onde também deve ocorrer e, de facto, ocorre a discussão relativamente aos limites a colocar à representação de poder.³

A comunicação pública de poder move-se para além da simples documentação. Os *media* não transmitem informações de modo puramente neutral, como en-

¹ Tradução do alemão para português por Maria Cristina Osswald.

² D’Almeida, Fabrice, “Mediatisierung und Polemisierung des Massakers durch das Internet”, *Bilder des Schreckens: die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*, ed. Christine Vogel, Frankfurt a. M. et al, Campus-Verlag, 2006, pp. 239-241.

³ Consultar a página da Biblioteca Nacional de Salud y Seguridad Social, designada “Televisión y violencia. Su impacto sobre niños y adolescentes (Costa Rica)”, <http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/television.htm>, Paul, Gerhard, *Bilder des Krieges; Krieg der Bilder. Die Visualisierung des modernen Krieges*, Paderborn, Schöningh 2004, pp. 31-34 e Carlton, Eric, *Militarism: rule without law*, Aldershot, Ashgate, 2001, pp. 22-35.

fraquecem ou, pelo contrário, reforçam essas mesmas informações. Segundo a sua intenção, é atribuído à informação um significado, que pode conduzir a uma reacção diferente entre o público. O modo de apresentação já inclui um juízo acerca do ocorrido. A construção pelos *media* pode não apenas falsificar, como criar também um acontecimento na sua totalidade. Isto é, em especial, válido no início da Época Moderna, quando a situação da comunicação significa o único testemunho da independência dum relato ou duma imagem. Com isto, aumenta o perigo duma manipulação.⁴

Assim, deve-se ter consciência da dicotomia existente entre a ficção e a verdade na observação da violência quotidiana na Época Moderna. É, por isso, tão interessante analisar o início da Época Moderna, tendo em conta esta questão. De facto, verificou-se uma íntima relação entre violência e *media* desde os finais do séc. XV.⁵

Os *media* já tinham difundido anteriormente actos de terror. Mais precisamente, devemos aos numerosos relevos do Antigo Egipto e do Próximo Oriente importantes conhecimentos acerca das culturas representadas. O seu principal objectivo era, todavia, a divulgação dos triunfos do faraó num determinado local.⁶

Desde o séc. XV, tornou-se possível com os *media* e através de panfletos impressos em número muito elevado aproximar a violência tanto do leitor europeu como do leitor não – europeu. Ambos eram, por norma, ávidos de conhecimento e de sensações. Com isto, iniciou-se a construção de violência, de imagens, pois, então como agora, não era apenas importante o acontecimento, como sobretudo a sua elaboração pelos *media*. O tema representado era igualmente importante. Trata-se do acto de violência ou do uso diluído da violência.

Neste texto, pretende-se comparar de que modo o massacre e a guerra eram transformadas nos textos e nas imagens transmitidas aos diferentes contextos culturais e quais eram as perspectivas que deviam actuar, por fim. O vasto conspecto geográfico e cronológico obriga, neste processo, a recorrer a exemplos de vários séculos para poder formular as primeiras conclusões. Assim, o martírio não é contemplado, pois ao mesmo fenómeno encontrava-se subjacente uma tipologia de *media* diferente e conotada positivamente, devido ao seu carácter exemplar.⁷

Quando seguidamente o foco for colocado no carácter transmissor da guerra, serão excluídos outros âmbitos da violência quotidiana, tais como a violência doméstica afectando maioritariamente mulheres e crianças ou a violência no interior de cidades e vilas, que também se devia em especial a estudantes e, por fim, a violência exercida pelo Estado sobre os súbditos.⁸ Com o teatro do terror, a peça teatral

⁴ Paret, Peter, *Imagined Battles: Reflections of War in European Art*, Chapel Hill, University of North Carolina Press, 1997, pp. 11-15 e Nowosadtko, Jutta, *Krieg, Gewalt und Ordnung: Einführung in die Militärgeschichte*, Tübingen, Ed. Diskord, 2002, pp. 171-179.

⁵ Himmelsbach, Gerrit, „Die Renaissance des Krieges: Kriegsmonographien und das Bild des Krieges in der spätmittelalterlichen Chronistik am Beispiel der Burgunderkriege“, *Chronos* (1999), pp. 78-87 e pp. 229-233, Bach, Rainer, *Der ritterschaft in eren: das Bild des Krieges in den historiographischen Schriften niederadliger Autoren des 15. und frühen 16. Jahrhunderts*, Wiesbaden, Reichert, 2002, *Gewalt der Frühen Neuzeit. Beiträge zur 5. Tagung der Arbeitsgemeinschaft Frühe Neuzeit*, ed. Claudia Ulbrich, Berlin, Duncker & Humblot, 2005.

⁶ Assmann, Jan, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in den frühen Hochkulturen*, München, Beck, 1992, pp. 244-248.

⁷ Burschel, Peter, *Sterben und Unsterblichkeit: zur Kultur des Martyriums in der frühen Neuzeit*. München, Oldenbourg Wissenschaftsverlag, 1994, pp. 2sgs.

⁸ Na definição de Johan Galtung, a violência existe, quando “Os homens estão tão influenciados, que a sua realização somática e psicológica actual é menor, que a sua realização potencial”. (Galtung, Johan,

mostrando uma execução não devia suceder apenas a um castigo, como a uma encenação pública, que tinha um carácter fortemente popular, e que encontrou interesse continuado nos meios de comunicação.⁹ O ponto forte é, pelo contrário, colocado aqui, por norma, na guerra e no massacre resultante da guerra, isto é, na morte atroz de seres indefesos por um grupo dominante.¹⁰

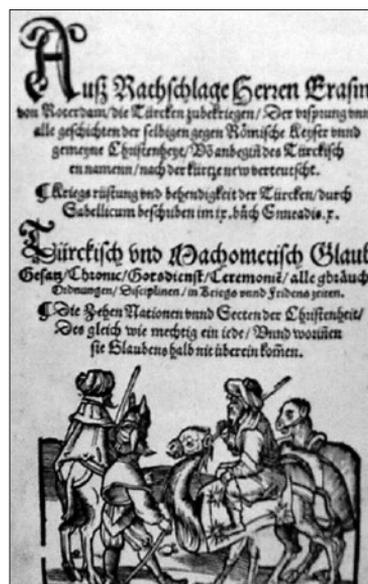
Embora o massacre, que é um fenómeno tão antigo como o homem, tivesse atingido nos *media* uma importância até então desconhecida, a sua dimensão não pode ser comparada à dimensão do mesmo fenómeno no séc. XX.¹¹

A revolução dos media

Os *media* tiveram o seu reinício no séc. XV. No Ocidente, a introdução da imprensa com letras móveis c. 1450, a fundação do correio imperial pelos correios-mor Taxis no Sacro Império Romano c. 1490, o funcionamento das primeiras fábricas de papel (c. 1400) em Nuremberga e Ravensburgo a partir de 1390, e, por fim, a combinação do papel e da imagem através da gravura (por volta de 1400) possibilitaram uma vasta difusão de informação.¹² Por outras palavras, a imprensa trouxe com a ilustração um progresso determinante, inclusive para as muitas pessoas, que não sabiam nem ler nem escrever.

Em simultâneo, os comunicadores medievais, como o monge mendicante, o narrador de histórias itinerante, entre outros, começaram a perder importância, sem, no entanto, desaparecerem completamente, pois, como referido supra, o analfabetismo era muito alto.¹³

As transformações dos *media*, que ocorreram no séc. XV, limitaram-se ao Ocidente. Enquanto no



Erasmus de Rotterdam,
Kriegsrüstung und Behendigkeit
der Türken, 1531

Die Zukunft der Menschenrechte: Vision: Verständigung zwischen den Kulturen. Frankfurt a. M., Campus 2000. Ver, de igual modo, *Das Quälen des Körpers: eine historische Anthropologie der Folter*, ed. Peter Burschel, Köln, Böhlau, 2000)

⁹ Sofsky, Wolfgang, *Traktat über die Gewalt*, Frankfurt am Main, S. Fischer, 1996, pp. 119-136.

¹⁰ A palavra massacre provem do latim "matteuca". A mesma palavra „matteuca“ foi então usada na linguagem picaresca para carnicheiro e designava, por um lado, o abate de animais. Por outro lado, o assassinio de seres humanos encontrou o seu caminho na linguagem do quotidiano. (Ver Vogel, Christina, "Einleitung", *Bilder des Schreckens: die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert* Frankfurt am Main [et al], Campus-Verlag, 2006, p. 10.

¹¹ Os arqueólogos encontraram no Sudão uma necrópole com cinquenta e nove homens, mulheres e crianças aparentando ferimentos motivados por pedras de sílex. (El Kenz, David, *Le Massacre, objet d'histoire*. Paris, Gallimard, 2005, pp. 8sgs e pp. 13-15).

¹² Burke, Peter, *Papier und Marktgeschrei. Die Geburt der Wissensgesellschaft*, Berlin, Wagenbach, 2001, p. 30.

¹³ Os cantores ambulantes difundiam histórias horrípidas e sensacionalistas, muitas vezes, mascaradas de poesia, que serviam para a difusão de ideias, mas, de certo modo, também de propaganda, pois os cantores ambulantes orientavam-se pelo bem estado das chefias, e, por isso, só podiam agir num contexto definido pelo senhor.

Ocidente era introduzida a imprensa, no mundo islâmico mantinha-se a comunicação oral (festa, narrador).¹⁴

No Ocidente, a introdução da impressão não constituiu a única alteração. Foi, de igual modo, inovador, o modo de transmissão de notícias, cujo autor se tinha que orientar para um público desconhecido, diferentemente do que acontecia com o tradicional contador de histórias, que tinha que se acomodar aos seus ouvintes.¹⁵ Tal inovação atingiu a comunicação global, que tinha nas empresas comerciais multinacionais um meio de comunicação de exceção. O risco de deturpação da mensagem aumentava, pois os emissores europeus não conseguiam evitar a transformação da sua mensagem nos longínquos territórios fora da Europa.¹⁶

A guerra e a sua representação

Quando abordamos o tema da guerra e da sua transmissão no início da Idade Moderna, temos que ter em consideração o desenvolvimento e a transformação dos *media*, assim como as guerras contínuas. Não existiu praticamente nenhum ano sem guerra: desde as guerras de Carlos V no Ocidente ou até às Cruzadas contra os Otomanos. A estas seguiram-se as Guerras de Religião nos sécs. XVI e XVII. Esta sequência contínua de guerras levou a que a noção de “guerra justa” perdesse a sua justificação. Por outras palavras, a partir desse momento, tornou-se possível apenas lutar por interesses justos e legitimar apenas nesse caso a guerra e a violência.¹⁷ A partir de 1792, com as guerras revolucionárias, deixou de se verificar a necessidade duma declaração de guerra legítima, todavia, não da propaganda, que ganhou, pelo contrário, um maior significado.¹⁸

As alterações devidas à dimensão dos exércitos e, com isto, das consequências da guerra são outros dois factores a ter em conta neste contexto. Até 1648, os exércitos não eram permanentes e eram de pequena dimensão, por razões económicas. No séc. XVIII, o número de soldados e de baixas aumentou, devido ao crescimento populacional na Europa.¹⁹ Além disso, a profissionalização crescente da guerra exigia a participação mais activa da população.

Isto significou, que os exércitos tinham cada vez mais combatentes e baixas até finais do séc. XVIII, quando em França, se instituiu o serviço militar obrigatório. Esta inovação significou o fim da época dos exércitos massificados. Pelo menos na teoria, a mobilização generalizada incluía todos os súbitos masculinos a partir

¹⁴ Faulstich, Werner, *Mediengeschichte*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, vol. I, pp. 138-140.

¹⁵ Idem, *ibidem*, vol. I, pp. 119-126.

¹⁶ Morales Solchaga, Eduardo, “No trilho de uma biografia. O itinerário xaveriano através dos fronspícios de livro barroco”, *Brotéria* 163 (2006), pp. 459-493.

¹⁷ Wolfrum, Edgar, *Krieg und Frieden in der Neuzeit: vom Westfälischen Frieden bis zum Zweiten Weltkrieg*, Darmstadt, WB, 2006, p. 13.

¹⁸ Entre 1900 e 1987, morreram cento e setenta milhões de pessoas, devido a perseguição política, tendo sido cem milhões de pessoas dizimadas pelas guerras internacionais. (El Kenz, *Le massacre*, p. 9)

¹⁹ Embora algumas regiões alemãs tenham perdido um terço da sua população, outras regiões não registaram perdas populacionais assinaláveis. Burkhardt, Johannes, *Der Dreißigjährige Krieg*, Frankfurt, Suhrkamp, 1992, pp. 10-15 e pp. 225-244; e Burkhardt, Johannes, *Das Reformationsjahrhundert. Deutsche Geschichte zwischen Medienrevolution und Institutionenbildung 1517-1617*, Stuttgart, Kohlhammer, 2002, pp. 16-47.

de uma certa idade. De facto, verificaram-se numerosas excepções até finais do séc. XIX.²⁰

O sistema militar de transportes do início da Época Moderna funcionava de modo muito limitado. Por isso, procurava-se aumentar a mobilidade das tropas, reduzindo as cargas transportadas. O crescimento dos exércitos, para além de ter motivado o alargamento do raio de destruição, fez aumentar a necessidade de géneros alimentares. Esta questão foi apenas resolvida com as reformas do exército prussiano introduzidas por Frederico II da Prússia durante a Campanha da Boémia, e que possibilitaram notáveis progressos na mobilidade.²¹

A eficácia da difusão pelos *media* deveu-se também aos progressos supra. A guerra, ou seja, o confronto violento, exigia quase sempre uma tomada de posição, mesmo quando os intervenientes procuravam acentuar a sua posição não partidária. Além disso, deve-se ter em conta, que o “homem simples” tinha um papel muito reduzido, enquanto leitor das “informações da guerra”, sendo os oficiais, os nobres e os burgueses nas posições de decisão os principais alvos da imprensa.²²

P*eru: Theodore de Bry,*
a profissionalização e o Império Espanhol

De seguida, iremos comparar contextos geográfico-culturais tão diferentes como o Peru, a Hungria, a Irlanda, a França e o Sacro Império Romano, de modo a obter pistas de interpretação várias.

Na análise dos diferentes países e culturas, temos que considerar a existência dum diferente cânon iconográfico. Antes de mais, devemos abordar a representação nos *media* de três acontecimentos no séc. XVI. *Tercium comparationis* é nestes exemplos, que o emissor via o opositor como “diferente”, não como igual, e, com isto, usava de violência para apresentar o oponente nos *media*.

Começando pelo Peru, Francisco Pizarro, que provinha duma família da pequena nobreza da Estremadura espanhola, ao chegar com poucos soldados em 1533 à capital do Império Inca em Cuzco, foi recebido entusiasticamente. Vivia-se num estado de guerra civil. Manco Inca acreditou encontrar em Pizarro um aliado contra o seu irmão Atahualpa. O chefe - maior do exército do Norte, Atahualpa, tinha-se encontrado pouco antes e em primeiro lugar com Pizarro em Cajamarca. Todavia, Atahualpa foi preso e, não obstante uma colecta de fundos para o seu resgate, executado. Huascar liquidado, apenas restava Manco Inca, que, no entanto, não podia mais ace-

²⁰ Wilson, Peter H., *German Armies. War and German Politics 1648-1806*, Bristol, UCL Press, 1998, pp. 26-101, e *Grundkurs deutscher Militärgeschichte*, ed. Karl-Volker Neugebauer, München, Oldenbourg, 2006, vol. I, pp. 78-106 e pp. 134-138.

²¹ C. 1470, a guerra no mar era realizada predominantemente sem armas de fogo, enquanto cem anos mais tarde, as mesmas armas tornaram-se imprescindíveis. Os dias das galeras estavam contados, constituindo o Império Otomano uma excepção. A partir desse momento, os barcos apetrechados com artilharia pesada, como os barcos da Armada Espanhola ou a Mary Rose de Henrique IV, dominavam os acontecimentos. (Parker, Geoffrey, *Die militärische Revolution: die Kriegskunst und der Aufstieg des Westens 1500-1800*, Frankfurt a. M. [et al], Campus-Verlag, 1990, pp. 111-119).

²² MacDonogh, Giles, *Frederick the Great*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1999, pp. 244-248. (Temas da relação de guerra encontram-se, por exemplo, na obra *Officier Lesebuch historisch-militärischen Inhalts mit untermischten interessanten Anekdoten*, ed. Gesellschaft militärischer Freunde, Berlin, Matzdorff, 1794).

der ao poder, após uma revolta falhada. De imediato, Cajamarca tornou-se local de memórias.

Quando os soldados do conquistador do Império Real de Muísca na actual Colômbia se depararam em 1537 com as riquezas locais, gritaram “Peru, Peru, Peru! O bom demitido!”, tendo o Conquistador respondido: “Eu concordo convosco. Trata-se duma nova Cajamarca”.²³ Não obstante a veracidade das palavras ser questionável, deve-se constatar que já quatro anos após o acontecimento, “Cajamarca” era um memorial, com o qual se ligava mais do que um simples acontecimento. Cajamarca constitui, portanto, um significativo ponto de viragem.²⁴ Tratava-se do primeiro “encuentro” oficial entre duas culturas. Até então, informações vagas ou doenças europeias tinham sido os únicos mensageiros dos europeus no Peru.²⁵

A invasão espanhola causou a destruição pelos europeus do sistema transmitido pela memória colectiva.²⁶ A América formava uma nova categoria. No momento do “encuentro”, os territórios asiáticos já estavam unidos por um sistema de comunicação, o qual podia ser vislumbrado pelos europeus, para, deste modo, participarem no fluxo de informações.²⁷ O caso era diferente na América. Os aztecas não tinham relações comerciais com os incas. Assim, era impossível obter informações acerca da estrutura do Império Inca no México ou no Império Maia, tornando-se necessário criar antes um sistema de comunicação.²⁸

Assim, não é de surpreender, que o nosso conhecimento acerca do acontecimento em Cajamarca seja lacunar. A própria data para este evento é uma suposição. Ocorreu o “encuentro” em 16 de Novembro de 1532 ou, pelo contrário, em 1533 e, como Raúl Porras Barrenechea acredita em Agosto, ou, como é defendido por Rafael Loredo, em 26 de Julho?²⁹

A data é incerta, mas também o lugar onde Atahualpa foi levado após a sua execução. Foi o seu cadáver deixado no Peru ou terá sido trasladado para a Bolívia? Já sabemos, que o cadáver do inca executado pelos espanhóis foi enterrado em Cajamarca, tendo depois sido exumado pelos seus partidários e trasladado para um

²³ Cardenas Acosta, Pablo E., *Del Vasallaje a la Insurrección de los Comuneros. La provincia de Tunja en el Virreinato*, Tunja, Imprenta del Departamento, 1947, p. 55.

²⁴ Pelizaeus, Ludolf, *Der Kolonialismus: Geschichte europäischer Expansion*, Wiesbaden, Marix 2008, p. 49.

²⁵ Assim, a investigação europeia também reconhece, que a guerra civil entre os filhos de Huana Cupac se deu, porque o chefe inca morreu vitimado por uma doença europeia grassando então no seu reino. (Pieper, Renate, “Die demographische Entwicklung”, *Handbuch der Geschichte Lateinamerikas. Mittel-, Südamerika und die Karibik bis 1760*, ed. Horst Pietschmann, Stuttgart, Klett, 1994, vol. I, pp. 319sgs e Julien, Catherine, *Die Inka. Geschichte, Kultur, Religion*, München, Beck, 1998, pp. 32sgs.

²⁶ Arriaga, Pablo José de, *Eure Götter werden getötet: „Ausrottung des Götzendienstes in Peru“ (1621)*, ed. Karl A. Wipf, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1992, pp. 176-180. Acerca da *Cura animorum* como coluna da actividade pós tridentina, ver Comerford, Kathleen M., “Clerical Education, Catechesis, and Catholic Confessionalism: Teaching Religion in the Sixteenth and Seventeenth Centuries”, *Early Modern Catholicism. Essays in Honour of John W. O'Malley S.J.*, ed. Kathleen Comerford e Hilmar M. Pabel, Toronto 2001, pp. 254sgs.

²⁷ Krieger, Martin, *Geschichte Asiens*, Köln, Böhlau, 2003, pp. 87-89. Para o desenvolvimento ulterior no exemplo da difusão da imagem de Francisco Xavier, ver Torres Olleta, Maria Gabriela, “Redes hagiográficas xaverianas: textos, devoções et representações”, *Brotéria* 163 (2006), pp. 447-458.

²⁸ Dyckerhoff, Ursula e Göbel, Barbara, “Geschichte der Indianer bis zur Conquista”, *Handbuch der Geschichte Lateinamerikas. Mittel-, Südamerika und die Karibik bis 1760*, ed. Horst Pietschmann, Stuttgart, Klett, 1994, vol. I, pp. 104-108.

²⁹ Porras, Raúl, “Atahualpa no murió el 29 de agosto”, <http://catedraporras.blogspot.com/2007/07/antologa-de-ral-porras-xxiii.html>.

outro local no país. E para onde? A querela persiste, se foi deixado no Peru, ou se foi realizado um novo enterramento em Quito.³⁰

As incertezas da transmissão e a conotação nacional são apenas aspectos parciais, devendo ainda ser adicionada a prolixa representação iconográfica.³¹ As gravuras de Theodore de Bry são, por norma, usadas para mostrar o “encuentro” em Cajamarca. Estas gravuras foram abertas em 1598 nos Países Baixos para ilustrarem a edição em latim e outras edições do “relato resumido” do monge dominicano Bartolomé de Las Casas. Com isto, chegamos ao ponto seguinte de significado dúbio. Ou seja, a representação de Theodore de Bry deve ser entendida como uma resposta impressa às acções dos bons espanhóis nos Países Baixos.³² O interesse principal dos Países Baixos de religião protestante era desacreditarem os procedimentos dos espanhóis, porem a nu a sua crueldade universal não apenas nos Países Baixos, como fora da Europa. No que se refere à recepção dos escritos de Las Casas, deve-se ter em consideração, que estes não foram impressos no seu país de origem – a Espanha – mas sobretudo nos países rivais, pois a sua publicação estava interdita em Espanha.³³



Theodore de Bry. Imagem de Cajamarca, in Bartolomé de Las Casas. *Brevíssima relación*

³⁰ Cabanillas, Virgilio Freddy, “El Retrato de Atahualpa”, http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtual/Publicaciones/Alma_Mater/2000_n18-19/retrato.htm, p. 1.

³¹ Acerca da problemática da interpretação histórica da imagem, ver Tschopp, Silvia Serena e Weber, Wolfgang E, *Grundfragen der Kulturgeschichte*, Darmstadt, WB, 2007, pp. 106-111.

³² De Bry, que nasceu em 1528 em Lüttich, usou o seu conhecimento como gravador contra os espanhóis, quando à volta de 1570 foi perseguido, devido à sua fé protestante. Fugiu primeiro para Estrasburgo, e, em 1578, para Frankfurt. Aqui, como em Londres, editou uma série de obras, entre as quais, se destacam as ilustrações da sua “descrição abreviada”. (Edição consultada: las Casas, Bartolomé de, *Kurzgefaßter Bericht von der Verwüstung der westindischen Länder = Brevíssima relación de la destrucción de las Indias von Bartolomé de las Casas*, ed. Michael Siervernich, Frankfurt, Insel, 2006)

³³ Schmidt, Peer, *Spanische Universalmonarchie oder “teutsche Libertet”: das spanische Imperium in der Propaganda des Dreißigjährigen Krieges*, Stuttgart, Steiner, 2001, pp. 273-294. Acerca dos textos de Las Casas,

A ilustração da edição de Frankfurt com desenhos de Joos de Winghe foi realizada em 1598 por Theodor de Bry. Esta obra, tal como a obra *Morghen wecker der vrye Nederlandtsce Provintien* (1610), a primeira obra a cargo dos protestantes nos Países Baixos, ganhou uma função central na construção da “Lenda Negra” protestante. Pois, as ilustrações de De Bry conheceram uma rápida difusão não apenas nos Países Baixos, como também em França e no Império.³⁴

Os Países Baixos conseguiram reforçar de modo eficaz a sua luta pela liberdade através da propaganda ilustrada e ao incluírem Las Casas, testemunha da Coroa espanhola. Por outras palavras, tratava-se da hábil combinação dos textos de Las Casas com as gravuras, que pretendiam esclarecer insistentemente a mensagem escrita. Vemos como o massacre foi útil para o sucesso dos *media*.³⁵ Este uso pelos *media* foi, aliás, tanto mais eficaz, quanto a Espanha só dispunha duma indústria gráfica pouco desenvolvida na época do Rei Filipe II.³⁶ Assim, não é de admirar, que nos Países Baixos não se podia apenas recorrer a uma temática espanhola, como tornar a sua representação mais eficaz.

O julgamento da acção dos espanhóis forma o significado central da gravura de De Bry.³⁷ O mais importante elemento é nisso a oposição, por um lado, entre o espanhol ávido de ouro e o indígena fortemente armado e decidido, e, por outro lado, o indígena indefeso. O significado dos *media* iconográficos torna-se assim sobretudo claro nas diferenças da representação entre o texto e a ilustração. No texto, Atahualpa pro-

consultar Delgado, Mariano, “Bartolome de Las Casas. Weg, Werk und Wirkung oder vom Nutzen mystisch-politischer Nachfolge in Krisenzeiten”, *Bartolomé de las Casas. Werkauswahl*, ed. Mariano Delgado, Paderborn, Schöningh, 1994, vol. I, pp. 11-33.

³⁴ Cillesen, Wolfgang, “Massaker in der niederländischen Erinnerungskultur: Die Bildwerdung der Schwarzen Legende”, *Bilder des Schreckens: die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*, ed. Christine Vogel, Frankfurt am Main [et al], Campus-Verlag, 2006, p. 100. Encontramos assim três contextos influenciados de modo diverso da transferência e do fluxo da informação: 1. Indústria gráfica com muitas edições. (Países Baixos, Inglaterra), 2. Uma indústria gráfica limitada pela censura (Espanha e América Latina), 3. A ausência de uma indústria gráfica, pelo contrário, um raio limitado através de manuscritos.

³⁵ Cillesen, *Massaker in der niederländischen Erinnerungskultur*, pp. 96-99.

³⁶ Kamen, Henry, “Die Spanische Inquisition”, München, dtv, 1969, pp. 294-305 e Griffin, Clive, “Los operarios de imprenta protestante en la España de Carlos V y Felipe II y la Inquisición”, *Aspectos históricos y culturales bajo Carlos V = Aspekte der Geschichte und Kultur unter Karl V.*, ed. Christoph Strosetzki, Frankfurt am Main, Vervuert, 2000, pp. 235-242.

³⁷ “Quarenta ou cinquenta espanhóis chegaram a Cajamarca nos seus cavalos bem aparelhados. Esta notícia chegou ao meu tio Atau Wallpa, quando ele se encontrava a preparar uma certa festa num pequeno local próximo chamado Huamachuco. Ele puseram-se a caminho simultaneamente com os seus seguidores, sem armas para poder combater ou armaduras para protecção, apenas com tumis [facas usadas nas cerimónias do Antigo Peru], (...) para caçar quaisquer tipos de lamas: com isto, pensava-se nos cavalos [...], quando o meu tio chegou à cidade de Cajamarca com os seus homens, foi recebido pelos espanhóis nos banhos de Conoc [na verdade, Pultoc]. À chegada, o meu tio perguntou aos espanhóis a razão para a sua vinda. Os mesmos responderam, que teriam vindo por encargo de Wiraqocha, para lhes explicar como o tinham conhecido. Após o meu tio os ter ouvido, deu-lhe de beber, esperando mudo, para determinar, se os espanhóis deitariam fora a bebida, à semelhança do dois primeiros espanhóis. Tudo aconteceu precisamente como antes. Os espanhóis não beberam e também não se preocuparam com o assunto. Quando o meu tio se apercebeu do pouco interesse nas suas palavras, disse: „Se vocês têm pouca afeição por mim, também eu terei pouca afeição por vocês“. Ergueu-se enfurecido e começou a gritar, como se quisesse matar os espanhóis. Mas os espanhóis precaveram-se e ocuparam os quatro portões da praça fortificada, na qual se encontravam. Os índios foram então encerrados como ovelhas em todos os locais não fortificados. Os Espanhóis tomaram de assalto e com raiva o centro da praça, onde estava um trono dos incas num local elevado, (...) ocuparam o trono e impediram, que o meu tio acesse a ele, pelo contrário, derubaram-no violentamente no sopé, arrancaram-lhe tudo, o que ele trazia consigo. E dado os índios gritarem alto, os espanhóis procederam ao seu assassinio.“ (Yupanki, Titu Kusi, *Der Kampf gegen die Spanier: ein Inka-König berichtet*, Düsseldorf, Patmos, 2003, p. 34).

cura absolutamente o confronto, quer fazer os espanhóis falar, sendo, todavia, vencido pela superioridade da técnica militar. Na imagem, De Bry retoma, e, em alguns pontos, afina também esta ideia duma comunicação tentada, todavia falhada.³⁸ Representa liteiras ao centro da gravura e confronta o monge Atahualpa com a cruz sobredimensional. O drama é ainda aumentado por enormes canhões e espanhóis ferozes na frente da imagem. Torna-se clara a afirmação principal, ou seja, a luta entre os selvagens desnudados [os seguidores de Atahualpa] e os espanhóis brutais, mas civilizados.

Este evento, como é visível, é colocado num qualquer lugar imaginário da América Latina. Não se trata de soldados ou chefes incas, mas de espanhóis e indianos selvagens, que não se distinguem das figuras representadas nas gravuras das Caraíbas. Esta comparação é tanto mais importante para De Bry, quanto aumenta ainda a depravação moral dos actos cometidos pelos espanhóis. Todorov desenvolveu a ideia defendida inúmeras por vezes por Colombo da nudez sem vergonha dos indígenas. De facto, Colombo via os índios num estado antecedendo o pecado original, pois ainda não teriam conhecimento da vergonha bíblica relativamente à nudez. Ir contra este estado era, no entanto, reprovável. De Bry não colocou, todavia, em causa o conceito da superioridade europeia. Por isso, são usados outros estereótipos: o índio é representado como um covarde e em fuga.³⁹ Por um lado, a representação iconográfica serve aos holandeses como prova da crueldade dos espanhóis. Por outro lado, perduram as posições tradicionais. A experiência concreta tem a função de comprovar a verdade, não de introduzir questões entre os espanhóis e os holandeses.



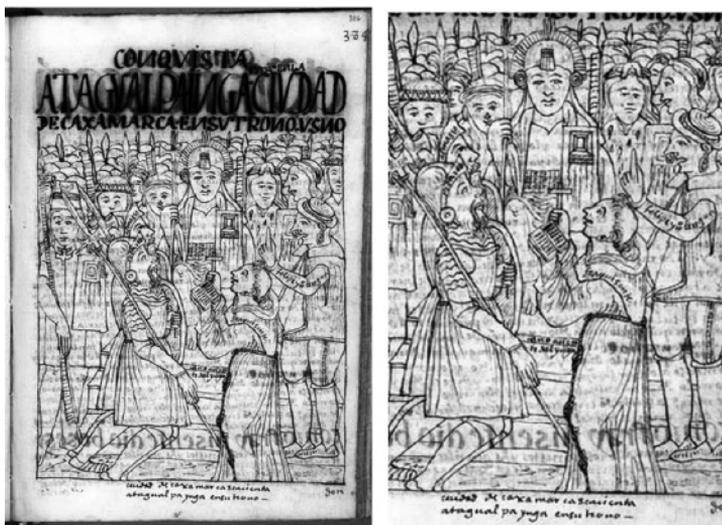
Francisco Xeréz; Cristóbal de Mena: *La conquista del Peru*, 1534

³⁸ Os desenhos de J. de Winghe foram os protótipos usados. (Cabanillas, *El Retrato de Atahualpa*, p. 2).

³⁹ Na crónica de Cieza de Leóns encontramos ademais a transposição do culto do diabo atribuído aos judeus para o espaço de poder inca. (Todorov, Tzvetan, *Die Eroberung Amerikas: das Problem des Anderen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2005, pp. 47-66 e pp. 197-207)

Assim, não é de surpreender, que encontremos um padrão semelhante também numa gravura mais antiga e com uma constituição muito simples. Trata-se de representações da crónica de 1534, que devia ser ilustrada por Cristóbal de Mena e Francisco de Xerez. O acontecimento de Cajamarca é aqui representado dum modo diferente. É representado todo o acto da posse, o “requerimiento”, ou seja, a inveja não consensual sentida pelos súbditos relativamente aos indígenas. De igual modo, encontramos aqui o nu primitivo, o qual, todavia não é influenciado por uma imagem negativa do espanhol. São sobretudo a Igreja e a Coroa – por esta ordem – que se confrontam com o inca. O problema da língua é de igual modo visível, pois os pilares do sistema de avaliação são marginalizados, usando as figuras “Iusticia” e “Verdad”. Estas vigiam, de igual modo, o acontecimento do lado exterior e sublinham a legalidade do representado. O acontecimento é encimado pela águia dos Habsburgo, símbolo da sua participação na Conquista.

A última representação de Cajamarca em estudo deveu-se à pena de Guaman Poma de Ayala.⁴⁰ As imagens provêm duma carta enviada em 1615 a Filipe III de Espanha, a qual foi apenas redescoberta no início do séc. XX, e, que, por isso, só pôde exercer influência a partir da segunda metade do séc. XX.⁴¹



Guaman Poma de Ayala:
nueva cronica
del buen gobierno. 1615

⁴⁰ A autoria de Guaman foi posta em causa. Todavia, aceitamos a visão da maioria dos investigadores, que consideram Guaman como o seu autor. Laurencich Minelli, Laura, “La conquista del Perú el veneno? La inquietante denuncia del conquistador Francisco de Chaves a su Majestad el Rey (Cajamarca 5 de agosto 1533)”, *Especulo: Revista de Estudios Literarios* 22 (2002), (<http://www.ucm.es/info/especulo/numero22/chaves.html>) defende a tese, que o jesuíta mestiço Blas Valera não tinha sido de deportado em 1587 para Espanha, devido a delitos morais, mas por ter sonhado com o renascimento do Império Inca. Em 1598, Blas Valera foi declarado morto, tendo, no entanto, regressado clandestinamente para o Peru, onde compilou a *Nueva Corónica del buen gobierno*, usou Guaman Poma como informador e regressou depois em 1618 para a Europa, onde morreu em 1619. É, sem dúvida, muito improvável, que um jesuíta condenado à morte tenha conseguido actuar sem ser reconhecido durante vinte anos no Peru, uma vez que a sua posição era diametralmente oposta à posição normalmente defendida pela Companhia de Jesus, no que se refere à religião indígena. (Guaman Poma de Ayala, Felipe, *El primer nueva corónica y buen gobierno*, Mexico, Siglo Veintiuno Ed., 1980, vol. II)

⁴¹ Consultar o texto integral de Guaman Poma de Ayala, Felipe, “Nueva Corónica y buen gobierno (1615), København, Det Kongelige Bibliotek, GKS 2232 4º, na página <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/387/es/text/?open=id3087886>

Deparamo-nos nesta imagem com uma outra descrição dos acontecimentos, dado a intenção principal de Guaman ser de não colocar em causa a majestade do inca, mas de procurar na sociedade inca um modelo.⁴² Guaman acentua na sua representação a ideia, que o diálogo teria sido possível, se “Felipe” o tivesse querido. A arrogância de Pizarro, ao pretender que Atahualpa se devia submeter ao Grande Senhor, é comentada pelo índio. Dizia o último que imaginava, que Pizarro tinha sido enviado por um grande senhor. Ele, não se sentia, todavia, obrigado a estabelecer qualquer amizade com o espanhol, pois ele próprio era igualmente um grande senhor.⁴³

A viragem ocorreu após Guaman, quando o monge franciscano – o papel do tradutor no processo transformador da língua é de novo acentuado – exorta Atahualpa a venerar a cruz, o que o inca recusa com o argumento que já teria as suas próprias divindades dignas de veneração. O passo determinante é agora a entrega do Evangelho, o qual, o inca aceita e deita ao chão, pois este não lhe diz nada.⁴⁴ De igual modo, não se encontra referida qualquer menção ao uso da força. Em ambas as representações seguintes é ilustrado respectivamente o uso da força através de Atahualpa prisioneiro ou por Atahualpa durante a sua execução.⁴⁵ É, por isso, interessante, que a força também permaneça ausente no único relato contemporâneo dum indígena, ou seja, o relato do inca Kusi Yupanki. O texto transmite sobretudo a ten-

⁴² “Don Francisco Pizarro y don Diego de Almagro y fray Uisente de la horden del señor San Francisco, cómo *Ataguálpa Ynga* desde los baños se fue a la ciudad y corte de Caxamarca. Y llegado con su magestad y sercado de sus capitanes con mucho más gente doblado de cien mil yndios en la ciudad de Caxamarca, en la plaza pública en el medio en su trono y aciento, gradas que tiene, se llama *usno*, se asentó *Ataguálpa Ynga*.” Guaman Poma de Ayala, *Nueva Coronica y buen gobierno*, f. 387, København, Det Kongelige Bibliotek, GKS 2232 4°.

⁴³ “Y luego comensó don Francisco Pizarro y don Diego de Almagro a dezille, con la lengua Felipe yndio Guanca Bilca, le dixo que era mensage y enbajador de un gran señor y que fuese su amigo que sólo a eso benía. Respondió muy atentamente lo que dezía don Francisco Pizarro y lo dize la lengua Felipe yndio. Responde el *Ynga* con una magestad y dixo que será la uerdad que tan lexo tierra uenían por mensage que lo creyía que será gran señor, pero no tenía que hazer amistad, que también que era él gran señor en su rreyno.” Poma de Ayala, *Nueva Coronica y buen gobierno*.

⁴⁴ “Después desta rrespuesta entra con la suya fray Uiciente, lleuando en la mano derecha una crus y en la esquierda el bribario. Y le dize al dicho *Atagualpa Ynga* que también es enbajador y mensage de otro señor, muy grande, amigo de Dios, y que fuese su amigo y que adorase la crus y creyese el euangelio de Dios y que no adorase en nada, que todo lo demás era cosa de burla. Responde *Atagualpa Ynga* y dize que no tiene que adorar a nadie cino al sol, que nunca muere ni sus *guacas* y dioses, también tienen en su ley, aquello guardaua. Y preguntó el dicho *Ynga* a fray Uisente quién se lo auía dicho. Responde fray Uisente que le auía dicho euangelio, el libro. Y dixo *Atagualpa*: “Dámelo a mí el libro para que me lo diga.” Y ancí se la dio y lo tomó en las manos, comensó a oxear las ojas del dicho libro. Y dize el dicho *Ynga*: “¿Qué, cómo no me lo dize? ¡Ni me habla a mí el dicho libro!” Hablando con grande magestad, asentado en su trono, y lo echó el dicho libro de las manos el dicho *Ynga Ataguálpa*. Cómo fray Uisente dio boses y dixo: “¡Aquí, caualleros, con estos yndios gentiles son contra nuestra fe!” Y don Francisco Pizarro y don Diego de Almagro de la suya dieron boses y dixo: “¡Salgan, caualleros, contra estos ynfielos que son contra nuestra cristiandad y de nuestro enperador y rrey demos...” Guaman Poma de Ayala, *Coronica*, fol. 387, des. 154, <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

⁴⁵ <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>, *desenhos 154-156*. A execução é igualmente retratada em outros quadros, entre eles “A degolação de Don Juan Atahualpa em Cajamarca”. Este quadro indica igualmente uma função transitória, pois o Atahualpa considerado ilegítimo pelos espanhóis (por isso, também não aparece nas árvores genealógicas, as quais foram realizadas pelos espanhóis), é representado aqui em pendant com o também ilegítimo Don Juan de Austria (Don Juan nunca teve o nome de Don Juan). (Ver Cabanillas, *Retrato*, p. 3 e Chang Rodríguez, Raquel, “Resistance in the Andes and its depiction”, *Coded Encounters, Writing, Gender and Ethnicity in Colonial Latin America*, ed. Francisco J. Cevallos Candau, Jeffrey A. Cole e Nicomedes Suarez-Arauz, Amherst, University of Massachusetts Press, 1994, pp. 122sgs).

tativa falhada da comunicação por sinalética oral, apesar de não incluir imagens. Os dois textos apenas começaram a exercer influência como *media*, quando foram impressos no séc. XX.⁴⁶

Os três pontos a deduzir das representações

1. Encontram-se sempre três plataformas de comunicação, ou seja, a comunicação escrita, a comunicação gestual, e a comunicação pela força. Deve-se, no entanto, observar, que tanto a linguagem escrita como a linguagem gestual são acentuadas, enquanto os relatos europeus, pelo contrário, trazem a comunicação pelo uso da força para o primeiro plano.

2. As possibilidades de difusão dependem das condições exteriores dos *media*. Os relatos, dos quais resultou um significado, foram transmitidos oralmente no altiplano andino. Após a Conquista pelos espanhóis, esta tradição tinha que acarretar consigo dificuldades, devido à ligação espanhola com a escrita. Surgiram, por isso, caminhos paralelos. Com isto, misturam-se tradições narrativas e acontecimentos comprovados, que criam novos locais de memória e percorrem os seus próprios caminhos nos *media*. Mitos, como os dos Inkhari, terão supostamente adquirido uma difusão semelhante à difusão atingida pelos textos impressos na Europa.⁴⁷

3. Tanto a tradição inca, como os espanhóis, que procuram explicar os acontecimentos dentro do seu limite de compreensão, atribuem um significado aos mesmos acontecimentos. Assim, deve-se entender que, para os espanhóis, os incas não são apenas pagãos, como são conotados com os muçulmanos. Os espanhóis vencem, pois, como é narrado na Crónica de Miguel de Estete, não são só assistidos por Santiago Mata Mouros, como também os índios se comportaram como muçulmanos.⁴⁸

Torna-se claro, como um acontecimento, cuja recepção era, realmente, diferenciada, sofreu diferentes tipos de representação. Com isso, os povos indígenas não tiveram qualquer hipótese de demonstrar a sua visão das coisas no sistema de leis europeu.⁴⁹

⁴⁶ Las Casas, *Bericht*, p. 104.

⁴⁷ Isto torna-se claro na tradição de Atahulpa. Em 1533, Atahulpa foi estrangulado como hereje. Em 1572, o seu primo e último inca, Tupác Amaru I. foi degolado, após ter sido julgado por rebelião. As duas figuras misturaram-se rapidamente. A tradição narrativa recolhe a versão da degolação, e relaciona esta com Atahualpa, atribuindo-lhe uma conotação mágica. Em „O Mito do Inkari“ (Mito do Rei Inca), o domínio inca reinicia-se com a junção de cabeça e corpo, dado a cabeça ter sido enterrada em Cajamarca e o corpo em Cuzco. Esta versão da morte, que é, de resto, retomada por Guaman Poma, atribui à morte um novo significado, na medida em que o sol (chefia) deve ser reunificada com o corpo (povo). (*Coded Encounters*, p. 122).

⁴⁸ “Os homens cantam uma canção, que não tem um som agradável para os nossos ouvidos, mas sim horrível, parecendo-nos, sim, quase infernal. Deram uma volta à mesquita (...).” As palavras chave são aqui as duas palavras relacionadas entre si de “infernal” e mesquita, e que são concebidas como local de ritos satânicos. Também isto encontra eco na representação pictórica, na qual também se estabeleceram paralelismos nos protótipos para a adoração do diabo pelos judeus no Império Inca. (Ver Pelizaeus, *Kolonialismus*, p. 56)

⁴⁹ Vollet, Matthias, “Das Massaker des Pedro Alvarado in Tenochtitlan (1520) in zeitgenössischen Schilderungen: Ein Baustein zur Leyenda negra als internationale publizistische Schlacht um die Conquista”, *Bilder des Schreckens: die mediale Inszenierung von Massakern seit dem 16. Jahrhundert*, ed. Christine Vogel, Frankfurt a. M. [et al], Campus-Verlag, 2006, pp. 136-148. Ver a fonte ainda não valorizada de modo extensivo das narrativas em Mapundun na colecção Lehmann Nitzsche no Iberoamerikanisches Institut Berlin, e que foram assinaladas apenas no início do séc. XX.

O sucesso retumbante das obras de Hans Staden e Ulrich Schmiidl demonstra, que, na Europa, o público estava sobretudo receptivo a “histórias de revólveres”. Tais histórias, à semelhança das recordações de antigos prisioneiros no Império Otomano ou no Magreb, serviam – se voluntariamente – de determinados *topoi*, para com isso aumentarem as vendas, como pesquisas críticas actuais claramente demonstram.⁵⁰ A influência destas histórias na Europa é também dependente da edição, aspecto dominado, aliás, pelo Norte protestante.⁵¹

Tornou-se, ademais, claro, como o paralelismo entre as guerras dos pagãos e turcos era um dado adquirido para os europeus do séc. XVI. Tal é também acentuado por Almut Höfert, que se concentra na sua representação na perspectiva do “outro” e da “narrativa dos antagonismos” na delimitação do confronto cristão – islâmico, razão pela qual, aqui se exclui uma ulterior comparação.

Mohac como acontecimento-chave

Cajamarca constitui um acontecimento – chave para o declínio do poderio inca no Peru, à semelhança do que acontece com vitória otomana em 1526 para a Hungria, razão pela qual, nos devemos questionar de que modo a representação da força é aqui tratada.⁵² Este assunto é particularmente interessante, devido aos sinais contrários.

Por um lado, verifica-se já uma longa tradição da descrição do inimigo e da situação estilizada do perigo turco. Esta perspectiva encontrou imediatamente eco no texto “Segue-se o cão de sangue, que se auto-denomina de imperador turco, paisagens húngaras aconteceram aos nossos companheiros ... tribos muito desumanas”.⁵³

A necessidade de se evitar uma conotação negativa para os cristãos forma o segundo ponto. Pois, em Mohacs, foram os cristãos a fugir, não os otomanos. Também aqui os indícios são contrários aos indícios dos eventos ocorridos na América: os conquistadores otomanos estabelecem as condições, determinam a margem de manobra. Assim, só se pode verificar um antagonismo no texto. A imagem ilustrando o texto permanece, no entanto, descritiva, enquanto a “crueldade do turco” não pode ser comprovada com a derrota das obras ilustradas. Os elementos usados em De Bry dum uso da força sem limites necessitam de obter uma outra relação final, para instituir uma nova relação de significados.⁵⁴ Com isto, são servidos estereótipos narrativos, não se verificando, todavia, tal transferência a nível iconográfico.

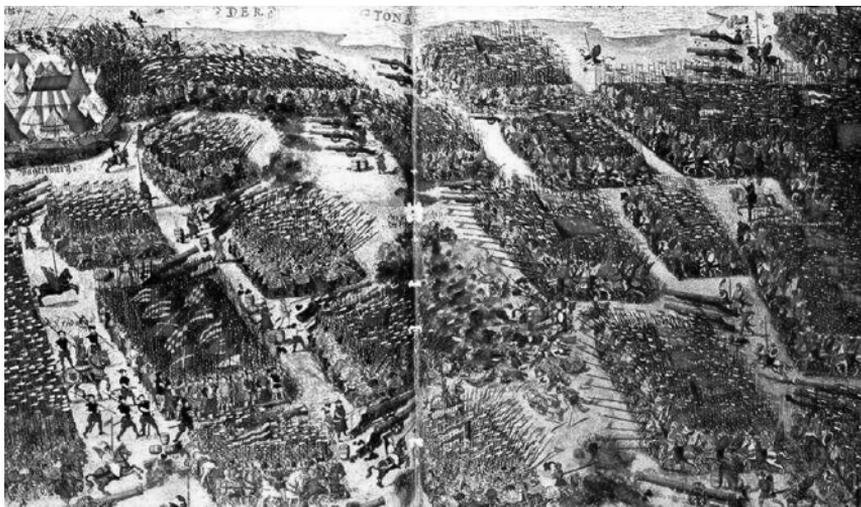
⁵⁰ Menninger, Annerose, “Unter Menschenfressern? Das Indiobild der Südamerika-Reisenden Hans Staden und Ulrich Schmiidl zwischen Dichtung und Wahrheit”, *Kolumbus' Erben. Europäische Expansion und überseeische Ethnien im Ersten Kolonialzeitalter 1415-1815*, ed. Thomas Beck, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1992, pp. 66-89; e Bremer, Georg, *Unter Kannibalen: Die unerhörten Abenteuer der deutschen Konquistadoren Hans Staden und Ulrich Schmiidl*, Zürich, Schweizer Vlgshs, 1996.

⁵¹ Vollet, *Massaker*, pp. 146-148.

⁵² Aqui é referida a primeira batalha em Mohacs (1526), tendo a segunda batalha (12.8.1687) tido um eco propagandístico muito menor. (Matuz, Joseph, *Das Osmanische Reich: Grundlinien seiner Geschichte*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994, pp. 117-123. Acerca dos manuscritos e da edição: Kreiser, Klaus, *Der Osmanische Staat 1300-1922*, München, Oldenbourg, 2001, pp. 68-74.

⁵³ Hammer-Purgstall, Joseph v., *Geschichte des Osmanischen Reiches*, Graz, Akad. Dr. u. Verl.-Anst. 1963, vol. III, p. 638.

⁵⁴ Lellouch, Benjamin, “Puissance et justice retenue du sultan ottoman. Les massacres sur les fronts iranien et égyptien (1514-1517)”, *Le massacre, objet d'histoire*, ed. David El Kenz, Paris, Gallimard, 2005, pp. 171-182.



Johann Schreier, A batalha da Mohacs,
em: Hans Jakob Fugger, *Österreichisches Ehrenwerck*, 1555, München BSB

De que modo se observa a representação no mundo otomano? É importante, antes de mais, pensar, que nessas regiões não existia a impressão ou o opúsculo como *media* para ajudar à memorização, mas apenas a iluminura.⁵⁵ Pois, existem apenas poucos manuscritos, que foram criados por participantes nas cruzadas contra os “giauras” [turcos]. Os poucos manuscritos muito volumosos e luxuosos, que relatavam os feitos dos grandes senhores, legam-nos a glorificação dos feitos próprios para um círculo muito selecto. Não se podiam assim estes manuscritos opor à enorme quantidade de impressos do lado cristão. Detectamos aqui um equívoco claro. A reacção dos inimigos de guerra através do contra-ataque a um ataque nos *media* era muito difícil.

Destacam-se seis pontos principais para os grupos de artistas denominados por Süleymanname em 1570: o primeiro ponto é que a batalha é representada narrativamente como encontro, não se verificando uma clara desvalorização do inimigo. Fora do âmbito do confronto militar, os artistas turcos limitam-se à observação, à representação relativamente neutral e detalhada dum encontro. Assim, não se verifica qualquer dúvida relativamente à posição determinante do grande senhor, assim como qualquer representação depreciativa do opositor cristão.

Este grupo de artistas comporta-se de modo diverso, no que se refere à arte gráfica cristã, na qual, os impressos destinados a um público de massas representam o opositor como um ser cruel. Porém, em comparação com a América, a representação é respeitosa, dado os otomanos nunca serem ilustrados como seres bárbaros ou pouco civilizados.⁵⁶

⁵⁵ Acerca do papel de Said Efendi na introdução da imprensa e enquanto diplomata, consultar Lewis, Bernard, *Die Welt der Ungläubigen. Wie der Islam Europa entdeckte*, Frankfurt a. M., Propyläen Verlag, 1983, pp. 46-48.

⁵⁶ Almut Höffert destacou para a tipologia “texto” que os otomanos foram considerados mensageiros do Anticristo, mas nunca seres humanos. Para isso, foi construído o topos do perigo turco, para manter a vontade de defesa desperta. (Höffert, *Feind*, pp. 48-62). Acerca da natureza dos índios na América, ver Pelizaeus, *Kolonialismus*, pp. 199-201).



*Suleymanname: Conselho de Luís II da Hungria antes na Batalha de Mohacs;
A batalha da Mohacs. Istambul, 1558.*

No Império Otomano, tal deve ser ainda referido, o fim do séc. XVIII e o início do séc. XIX constituem um momento de viragem, dado a impressão com as letras móveis ganhar um certo significado, graças à influência francesa e às reformas de Mahmud II.⁵⁷ Significa o facto de, também na América, os opositores serem vistos como incultos, que a representação de “selvagens bárbaros” só é aplicada ao contexto não-europeu? Para nos debruçar-mos de modo mais aprofundado sobre esta questão, devemos tomar uma visão da Irlanda, segundo o ponto de vista inglês.

A obra “Image of Ireland” de John Derricke

Na concepção dos ingleses, os irlandeses eram bárbaros pouco civilizados no que se referia à administração e à narrativa escrita, na qual eram designados como “savages” ou “unnatural men”. Esta perspectiva podia, por isso, desenvolver uma tal capacidade de acção, porque também aqui, como para a América, a memória não era determinada pelo vencedor. A tradição oral irlandesa-gálica nada tinha a opor à tradição inglesa com a sua influência escrita e pictórica.⁵⁸

⁵⁷ Matuz, *Osmanisches Reich*, pp. 209-224.

⁵⁸ Os espanhóis partilhavam, aliás, a visão de irlandeses bárbaros e pouco civilizados, como se torna notório nas cartas de Francisco de Cuellar, que também não os considerava católicos verdadeiros. (Cuellar, Francisco de, “Captain Cuellar’s Adventures in Connacht and Ulster”, <http://www.ucc.ie/celt/published/T108200/index.html>)

As gravuras de John Derricke com a data de 1581 foram concebidas para ilustrarem as cruzadas inglesas comandadas em 1570 pelo Lord Deputy of Ireland Sir Henry Sidney contra Hugh O'Neil.⁵⁹ A obra de Derricke não constitui uma contemplação etnográfica neutral, mas procura muito mais destacar a inferioridade irlandesa necessária à civilização inglesa. Para isso, concorre a constante contraposição de desordem e ordem, de cuidado e do descuido, de cavalheirismo e de astúcia. O objectivo é a subjugação de interesse civilizacional não apenas inglês, como também geral.



John Derricke: O exército inglês está pronto para a batalha, Sidney fala com o mensageiro, 1581

A superioridade é tal, que não são representadas batalhas, mas cenas de subjugação.⁶⁰ Assim, a representação do tradutor como intermediário cultural constitui um interessante detalhe no domínio fronteiro entre ambas as culturas. À semelhança de Felipe em Guaman Poma, o mensageiro apresenta-se como ser entre dois mundos, assim, não apenas entre a Irlanda e a Inglaterra, mas também entre sociedades fundadas numa tradição oral e depois escrita. Esta cultura sofreu poucas alterações. A sua função é simplesmente reproduzida de novo com as palavras “Shogh”. Neste contexto, John Derricke, que não falava gálico, recorreu supostamente ao “seo” para “seo duit”: “Aqui para ti”.⁶¹ Em todo o caso, ocorre, com isto, para o tradutor, e semelhantemente a Guaman com a designação “Felipe lengua”, uma ordenação, e, com isso, também a caracterização de plataformas linguísticas distintas. Os espanhóis e

⁵⁹ Carey, Vincent P., “John Derricke’s Image of Ireland, Sir Henry Sidney, and the Massacre at Mulaghmast, 1578”, *Irish Historical Studies* 21/ 123 (1999), Alspach, Russell K., *Irish Poetry from the English Invasion to 1798*, Philadelphia, Pennsylvania University Press, 1959, p. 34; Leerssen, Joep, *Mere Irish and Fior-Ghael*, Amsterdam. Rodopi, 1986. Em geral, Ellis, Steven, *The making of the British Isles. The state of Britain and Ireland 1450-1600*, Harlow, Pearson Longman, 2007, pp. 244-246.

⁶⁰ Consultar *The Norton anthology of English literature* (http://www.wwnorton.com/college/english/nael/16century/topic_4/derricke.htm)

⁶¹ “Duit” (2 pessoas cantam) deriva de “do” e tem, independentemente do contexto, oito significados diferentes. Agradeço a Eilis Ni Dhuill und Tonaí Ó Roduibh (ambos da National University of Ireland, Galway) pelas indicações. (*Collins Irish Dictionary*, Glasgow 2007. Acerca da situação geral, consultar *Oxford History of Ireland*, pp. 114-134).



John Derrick: Die englische
Armee in Schlachtaufstellung
(Detail). 1581



Guaman
Poma de
Ayala, 1615



Detalhes

os ingleses apareceram como conquistadores no Peru e na Irlanda, enquanto os otomanos determinaram a lei comercial na Hungria.⁶²

Verificamos como a recepção em relação à inferioridade oscilava independentemente da própria situação. Existia uma margem de recepção vasta para os “turcica” em muitos relatos do Novo Mundo e Itália na Europa Central, inclusive em França, nos Países Baixos e no Sacro Império Romano e Itália, enquanto, na Península Ibérica dominavam os relatos dos próprios territórios ultramarinos. Pelo contrário, a Irlanda não teve praticamente nenhuma receptividade fora das fronteiras no início da Época Moderna.⁶³ No conjunto, os *media* eram dominados pelas representações da América, que se relacionavam, com acontecimentos concretos e representações gerais do “turco”, que apenas agarravam acontecimentos concretos, após a vitória dos exércitos cristãos.⁶⁴

Linhas gerais do desenvolvimento da capacidade de transmissão dos media no Sacro Império Romano durante os sécs. XVII e XVIII

Por fim, vamos abordar a capacidade de transmissão da representação do desencadeamento da força durante os sécs. XVII e XVIII, para poder incluir o discurso

⁶² Podem ser estabelecidas graduações claras no seu significado. A conquista de Constantinopla foi considerada importante já nos sécs. XV e XVII. Pelo contrário, a Conquista da América marcando o início duma nova época apenas recebeu tal significado no séc. XVIII. As cruzadas isabelinas na Irlanda foram apenas consideradas momentos determinantes entre finais do séc. XIX e o séc. XX. (Höfert, Almut, *Den Feind beschreiben: “Türkengefahr” und europäisches Wissen über das Osmanische Reich 1450 – 1600*, Frankfurt am Main, Campus, 2003, p. 24)

⁶³ Comparar as indicações em Höfert, *Feind*, pp. 25sgs.

⁶⁴ Acerca do tema, aconselhamos começar pela obra *Repräsentationen der islamischen Welt im Europa der Frühen Neuzeit*, ed. Gabriele Haug Moritz e Ludolf Pelizaeus, Münster, 2010.

no interior da Europa. São aqui explicadas duas épocas, no que se refere à relação entre os *media* e a força militar, ou seja, a Guerra dos Trinta Anos e seguidamente o final do séc. XVIII.

Os primeiros exemplos são extraídos do contexto do confronto confessional, isto é, do encontro repleto de distinções não nacionais, mas religiosas. Entre 1618 e 1648 verificou-se a defesa da ideia do opositor nos *media*, nos folhetos, e também dos textos acompanhando canções. Ainda que se encontrem rigores frequentes na escolha de palavras, ambas os lados procediam com determinação idêntica à determinação dos intervenientes nas guerras da religião francesas, nas quais, como é sublinhado por David El Kenz e Denis Crouzet, se pode atingir a limpeza através da guerra e do massacre como objectivo teológico, para conduzir a unificação com Deus. (*l'exigence divine d'extermination*).⁶⁵ Encontramos raramente a acusação do extermínio.⁶⁶ Apenas podemos constatar uma clara semelhança na agudeza da dicção e na exigência de perseguição às bruxas relacionada com “a destruição do peso da bruxaria”.⁶⁷

O enquadramento claro entre amigo – inimigo não resultou logo através do vestuário ou da fisionomia, não obstante tratar-se dum problema fundamental da representação iconográfica na Guerra dos Trinta Anos.⁶⁸ Isto significa, que se devia trabalhar com outros meios para a atribuição diferentes dos meios habituais dos textos descritivos ou através de atributos. Devemos ter em conta, por isso, representações de batalhas não tendo a dor ao centro.⁶⁹ As representações de Jacques Callot⁷⁰ e Hans Ulrich Franck (1603-1675) constituem assim uma excepção.⁷¹

⁶⁵ Gantet, Claire, “Le massacre de la guerre de Trente Ans (1618-1648) et l'historiographie allemand (vers 1850-début du XXIe siècle)”, *Le massacre, objet d'histoire*, ed. David El Kenz, Paris, Gallimard, 2005, pp. 198-222. Ver Crouzet, Denis, *La nuit de la Saint-Barthélemy: un rêve perdu de la Renaissance*, Paris, Fayard, 1999.

⁶⁶ Ver canções, como “Ein gantz neu Liedlein”, que não podem ser hipervalorizadas, apesar da agudeza da dicção. “Os heréticos devem ser demonizados, exterminados, extirpar-lhes a sua fé, senão torna-se demasiado. O ensinamento satânico de Lutero entranha-se-lhes demasiado na pele: é tempo de defesa do mesmo, de degolar a cobra]. (*Die historisch-politischen Volkslieder des Dreißigjährigen Krieges*, ed. Franz Wilhelm Dittfurth, Leipzig, Zentralantiquariat der Deutschen Demokratischen Republik, 1979, pp. 1-5. Ver também a obra *Der Dreißigjährige Krieg in Augenzeugenberichten*, ed. Hans Jessen, Düsseldorf, Rauch Verlag, 1963, pp. 279-281 e Vogler, Günther, *Europas Aufbruch in die Neuzeit: 1500 – 1650*, Stuttgart, Ulmer, 2003, pp. 137-143.

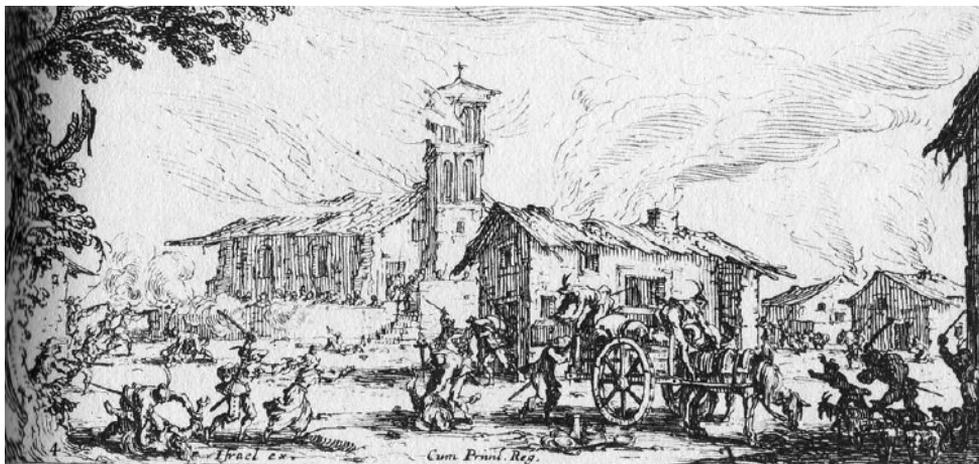
⁶⁷ Schormann, Gerhard, *Der Krieg gegen die Hexen: das Ausrottungsprogramm des Kurfürsten von Köln, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1991, pp. 43-50.*

⁶⁸ Burschel, Peter, “Das Heilige und die Gewalt. Zur frühneuzeitlichen Deutung von Massakern”, *Archiv für Kulturgeschichte* 86 (2004), pp. 341-386 e Sofsky, *Traktat*, p. 173.

⁶⁹ As gravuras neerlandesas, em especial a obra de Hogenberg, constituem uma excepção. (*30jähriger Krieg, Münster und der Westfälische Frieden*, Münster, Stadtmuseum, 1998, em especial pp. 145sgs).

⁷⁰ Callot nasceu entre 25 de Março e 21 de Agosto de 1592, tendo começado a trabalhar como ourives em Nancy em 1607. No ano seguinte foi para Roma para aprender com o seu compatriota Philippe Thomassin. Com esta formação, pôde mudar para a oficina de Antonio Tempesta, onde fez desenhos até 1612. Criou, entre outros, páginas para a ilustração de livros da cerimónia de noivado de Margarida de Áustria. Em 1614, mudou-se, de novo, desta vez, para a oficina do artista Giulio Parigi, que trabalhava para Cosimo II. de Medici. A morte de Cosimo II em 1621 marcou o fim da estadia de Callot em Florença, e o seu regresso a Nancy. (Callot, Jacques, *Kleine und grosse Schrecken des Krieges*, Dortmund, Harenberg, 1982, pp. 59-61)

⁷¹ Callot, *Schrecken*, e Langer, Herbert, *Kulturgeschichte des Dreißigjährigen Krieges*, Stuttgart, Kohlhammer, 1978, figs. 93-101 e catálogo da exposição *30jähriger Krieg, Münster und der Westfälische Frieden*, Münster, Stadtmuseum, 1998, pp. 148-165.



Jacques Callot, As « misères de la guerre », 1633



1. Desenho:
Rudolf Meyer,
Staatliche Sammlung München
2. Desenho:
Hans Ulrich Frank,
Staatliche Sammlung München
3. Desenho:
Hans Ulrich Frank,
Staatliche Sammlung München.

Ambos os artistas representam ademais dois grupos de concepções iconográficas, ou seja, duma perspectiva próxima em Franck, como foi já vista em Guaman, ou uma concepção geral, como é transmitida por De Bry. Callot concebe mesmo nas suas famosas séries *Misères de la Guerre* o panorama dos terrores da guerra em cenas massificadas compostas cuidadosamente, enquanto Franck ilustra cenas isoladas nos seus vinte e cinco desenhos criados entre 1643 e 1656. O efeito é conseguido em Callot através de muitos detalhes, composições de grupos e um formato panorama, enquanto Franck nos apresenta um esboço. O olhar do observador vagueia e reencontra os destinos das pessoas nos grupos. Pelo contrário, o sofrimento individual domina na perspectiva principal. Observamos o contraste das figuras do perseguidor, que reflecte simultaneamente o anonimato, contra a construção clara da figura do sacrifício. Por sua vez, em Franck, a perspectiva próxima é dominada pelo sofrimento individual. Isto leva o observador a virar-se para a face amedrontada do perseguido.⁷² Não ocorre qualquer condenação digna de nota do partido perante uma observação mais próxima. O amigo e o inimigo devem ser claramente coordenados. Ninguém pode dizer, que toma o lado imperial ou sueco.

Vamos dar mais um salto, desta vez para o séc. XVIII. Nos *media* alemães o conflito europeu criado pela agressão prussiana devia dominar a representação da violência. Difundi-se a impressão de textos não ilustrados, devido ao crescimento editorial.⁷³ Continuamos a encontrar representações iconográficas de violência, em especial, imagens de pequena dimensão.⁷⁴ O facto das guerras do séc. XVIII terem sido guerras mundiais agravou a situação. Com isso, os *media* desenvolveram uma dinâmica própria. Tornou-se cada vez mais difícil para o leitor informado comprovar a palavra impressa, dado a força europeia e não europeia terem sido tratadas em obras gerais.

Devemos considerar exemplo deste desenvolvimento a obra "Geschichte der Krieg in und ausser Europa".⁷⁵ Pois, as traduções editadas a partir de 1775 estavam repletas de temas como "... pequeno relato das últimas guerras americanas, da conquista do Canadá e do início do levantamento contemporâneo das colónias britânicas". Na representação da obra formada por trinta capítulos foram discutidos tanto a guerra de independência americana fora da Europa, como a guerra à sucessão na Europa e na Baviera. Aqui, a intenção é, todavia, outra. Aparecem várias séries, que não polemizam, mas informam. Por essa razão, a violência e a batalha são narradas, mas não valorizadas. Assim, mesmo quando a acentuação é colocada na ideia de se contar "os acontecimentos sem tomar partido", depararmo-nos com leves posições neutrais, pois não se pode esperar este tipo de posições durante os tempos de guerra. No entanto, a guerra e a condução da guerra sofreram modificações. Mesmo à distância era difícil manter secretos os acontecimentos. Já no início de 1777 podíamos ler relatos detalhados ("Os combatentes de Hesse são surpreendidos em Trenton").⁷⁶

⁷² Staatsgalerie Stuttgart (página 13 da série de guerra), desenho, 1643, nr. inv. A 83/6164, 10x13,5 cm, 11,4x13,7. http://www.staatsgalerie.de/graphischesammlung/deutschland_matrix.php

⁷³ Mazura, Silvia, *Die preußische und österreichische Kriegspropaganda im Ersten und Zweiten Schlesischen Krieg*, Berlin, Duncker & Humblot, 1996.

⁷⁴ Mittenwei, Ingrid; Herzfeld, Erika, *Brandenburg Preußen 1648 bis 1789. Das Zeitalter des Absolutismus in Text und Bild*, Köln, Pahl Rugenstein, 1987, pp. 213-215, 336-359, 407-409.

⁷⁵ Consultar a recensão coeva das, ainda assim, trinta partes em http://zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal.jparticle_00025061.

⁷⁶ [Korn, C. H.], *Geschichte der Kriege in und ausser Europa. Vom Anfange des Aufstandes der Britischen Kolonien in Nordamerika an. Mit einem Register über den dritten Band*, Nürnberg, Raspe 1784, parte 6, pp. 35 e 41ss.

Os sentimentos fluíram, ademais assim para as representações, pela primeira vez e ainda de uma forma tímida. Representações contemporâneas distinguem-se das representações seiscentistas, pelo facto de incluírem o apelo às emoções, ainda que (tal deve-se, de novo, à ligação dos *media* com o objectivo) não podem aparecer dúvidas na guerra nem no objectivo da guerra ou mesmo entre os senhores da guerra.⁷⁷ São assim discutidos “o enterro dos mortos”, “as feridas dolorosas e o sofrimento do frio” e muitos aspectos do poder bélico.⁷⁸

Escasseiam relatos de memórias ou vivências de simples soldados individuais, dos “comunitários”. Agradecem o seu aparecimento normalmente ao achado nos sécs. XIX e XX, após os diários e auto-certificados terem tido uma grande difusão na sequência das guerras napoleónicas. Permanecem, todavia, excluídos destas representações os “excesse” ou os “Ratio belli”.⁷⁹

Apenas os escritos propagandísticos incluem transgressões, nas quais não se trata de uma representação neutral, mas sobretudo do seu uso para proveito próprio.

Conclusões

Media e guerra são inseparáveis, como vimos. Tornou-se claro, como violência e guerra foram transmitidos em diferentes contextos culturais. Todavia, o poder dos *media* europeus conseguiu impor a sua visão em larga escala. Foram precisamente as culturas orais, que foram surpreendidos pelos *media*. Assim, a continuação da tradição oral sobrevive graças ao transmissor tangível. O domínio dos *media* da imagem derivada do texto não se verificou apenas na cultura inca, como também na Irlanda gálica, na qual os ingleses puderam difundir a sua visão de forma eficaz. O poderoso Império Otomano, que introduziu as letras móveis apenas no séc. XVIII, não conseguiu furtar-se a uma tal invasão. Este processo modificou-se, quando a técnica da impressão levou os europeus a uma situação difícil, pois necessitavam de reagir às notícias vindas da América no séc. XVIII. Todavia, não apenas a corrente de notícias, como também o objectivo transformou-se, quando a emoção começou a ter o seu papel e a grande quantidade de textos causou uma clara redução das imagens.

Observamos como a nossa actual imagem depende das correntes informativas do início da Época Moderna. Determinadas visões duma “mainstream” não surgiram, todavia, duma perspectiva observadora neutral, mas tiveram, muito mais, desde o início, como objectivo, o uso ou mesmo a exploração dos *media*.

⁷⁷ A obra de Bräcker, Ulrich, *Das Leben und die Abenteuer des Armen Mannes im Tockenburg [1788]*, ND Osnabrück, Biblio, 1980, sobretudo pp. 152-156, constitui um exemplo de uma biografia, que também retrata emoções. No entanto, muitas obras escritas por militares poupavam na apresentação das emoções. (*Tagebuch des Musketers Dominicus*, ed. D. Kerler, Osnabrück, Biblio Verlag, 1972).

⁷⁸ *Officier Lesebuch*, pp. 82ss.

⁷⁹ “Ratio belli é uma expressão desculpando os excessos cometidos durante as guerras, por exemplo, quando um Estado, que não se encontra envolvido em estas guerras, é ocupado com marchas e aquartelamentos.” (Hübner, Johann, *Reales Staats-, Zeitungs- und Conversations Lexicon*, Regensburg, Wien, Emerich Felix Bader, 1759, p. 882).

